

Prólogo

Ela sempre soube que ele voltaria.

Subiria em seu helicóptero, às primeiras luzes da manhã em Nairóbi, alçando-se acima da estridente confusão urbana, inclinaria-se para o oeste, sobre a maior favela da África Oriental, e voaria em direção à grande maravilha: Great Rift Valley, o berço da humanidade, uma cicatriz de 5.000km que se estende da Síria até Moçambique e cujo trecho mais espetacular encontra-se ali, no Quênia. Quando o chão do mundo se abrisse para revelar o céu infinito e uma vista de tirar o fôlego, ele seguiria por aquele corredor diretamente para ela.

Havia tanta coisa que ansiava por dizer-lhe, palavras que só ele compreenderia... Ela extravasaria tudo o que a modéstia e a timidez haviam-na impedido de falar, como nas cartas que lhe escrevera e jamais enviara:

Uma vida inteira se passou desde que nos separamos, e mesmo assim algumas lembranças do que fizemos juntos parecem ser de algo acontecido ainda ontem. Tem tanta coisa que gostaria de dizer e compartilhar com você, agora que sei que não sou inferior.

Ela o esperava na casa azul junto ao lago que, das alturas, parecia perfeito e plácido. Era, porém, apenas mais um dos extremos de um país em que a deslumbrante beleza coexiste com inimaginável brutalidade, em que o limite entre vida e morte é a mais tênue das linhas, e em que nada é necessariamente o que aparenta.

Agora que tenho contato com outras pessoas, me dou conta de toda a experiência que adquiri com o mundo natural. ... Hoje, todos me respeitam. O único amor da minha vida, entretanto, é uma das raras pessoas com quem não posso me comunicar, nem mesmo como amigo.

Todo esse sofrimento ficaria para trás assim que ele retornasse à sua vida. Sobrevoando as montanhas e os vulcões adormecidos que compõem um anfiteatro natural ao redor do lago, ele se deteria sobre as águas cor de esmeralda, absorvendo aquela verdejante amplitude repleta de vida selvagem.

Sobrevoando a casa azul, provavelmente você se sentiria feliz de não estar mais aqui, mas na verdade sou tão diferente agora que mal me reconheço. Escrevi inúmeras cartas para você em minha cabeça, mas quando tentava passá-las para o papel, eu me sentia como se despedaçasse.

Ela o imaginou percorrendo a casa, brincalhão como sempre; viu-o aterrissando sobre a grama do campo de pouso, desembarcando como se retornasse de um breve safári, em vez de metade de uma vida. Depois, finalmente, ela o impressionaria com sua independência e suas realizações, mostrando a inabalável resistência de seu amor.

Ele realmente acabou voltando para ela, na madrugada de 13 de janeiro de 2006. Não foi, porém, como durante tanto tempo ela sonhara. Ele não foi se juntar novamente à mulher que fora sua esposa, parceira e melhor amiga, a mulher que ele deixara sozinha na África por 16 anos.

Ele foi recolher seus restos mortais.

Introdução

A NOTÍCIA ERA FRIA E RESUMIDA:

Ecologista assassinada

Joan Root, 69 anos, ambientalista e protetora dos animais que colaborou com o marido, Alan, em documentários sobre a vida selvagem nos anos 70, foi morta no dia 13 de janeiro em Naivasha, Quênia. Segundo a polícia, Joan Root foi baleada por assaltantes que invadiram sua casa. De acordo com as autoridades, dois homens foram presos. Um dos filmes do casal, *Mysterious Castles of Clay*, narrado por Orson Welles, mostra toda a atividade interna de um cupinzeiro, e foi indicado ao Oscar em 1978.

Como colaborador da revista *Vanity Fair*, estou sempre à procura de grandes histórias, e essa parecia conter todos os ingredientes necessários: uma ecologista, produtora de documentários sobre a vida selvagem, indicada ao Oscar por um filme narrado pelo lendário Orson Welles, assassinada na África por razões desconhecidas.

Assim que comecei a pesquisar a história, percebi que Joan Root não era simplesmente mais uma produtora de documentários sobre o mundo animal. Ela e o marido, Alan Root, foram os *maiores* cineastas da vida selvagem entre os anos 70 e 80, figuras míticas para amantes da natureza de todas as idades. Ninguém simplesmente sentava e assistia a Joan e Alan na televisão ou em telas improvisadas em sala de aula: o público viajava com eles, quer estivessem desbravando exóticos lagos com ferozes crocodilos e hipopótamos, voando sobre o monte Quênia num balão de ar quente ou sendo perseguidos, espancados, mordidos, feridos e picados por todo tipo de criatura, enquanto dirigiam, voavam, corriam ou nadavam pela África, decididos a captar em película o continente e suas maravilhas antes que aquele mundo selvagem se perdesse para sempre. Pioneiros, filmaram

o comportamento animal sem a interferência humana décadas antes de produções como *Migração alada* e *A marcha dos pinguins*. Muitos de seus filmes são narrados por grandes astros do cinema, como David Niven, James Mason e Ian Holm, e, em 1967, um deles teve uma *première* real em Londres, ocasião em que o casal foi apresentado à rainha.

Eles apresentaram os gorilas à zoóloga americana Dian Fossey, que depois morreu tentando salvá-los, levaram Jacqueline Kennedy em seu balão e percorreram grande parte da África num monomotor Cessna e num carro anfíbio. Então, sem que o público soubesse por que, eles sumiram das telas, tão misteriosamente quanto as espécies ameaçadas que documentavam. Haviam se separado e depois se divorciado. Alan, mais extrovertido, seguiu em frente e tornou-se uma estrela dos documentários sobre a natureza, recebendo prêmios, homenagens e elogios. A loura, linda e bronzeada Joan, terrivelmente tímida e sempre em segundo plano, tanto como competente assistente do marido quanto como sua discreta produtora, abandonou completamente o cinema, recolhendo-se à sua propriedade de 88 acres à beira do ameaçado lago Naivasha, no Quênia, dedicada a salvá-lo. Foi ali, em seu quarto, à uma e meia da madrugada do dia 13 de janeiro de 2006, que Joan foi brutalmente assassinada por assaltantes com fuzis AK-47 gritando em suaíli que lhe faziam tantos buracos que ela ficaria “parecendo uma peneira”. Eles encheram de balas os vidros e as grades das janelas do quarto, até que ela, que aos 69 anos se tornara uma das mais indomáveis ambientalistas do mundo, caísse morta numa poça de seu próprio sangue.

Uma semana depois de ler aquele parágrafo no *Times Digest*, consegui da *Vanity Fair* autorização para escrever um artigo sobre Joan Root. Enviei e-mails a quem supus ter qualquer ligação com ela, ainda que remota, tendo como prioridade encontrar Alan Root. Alguns dias depois, recebi dele um brevíssimo e-mail: “Soube que o senhor está à minha procura.”

Depois de expressar meu pesar pela perda de sua ex-mulher, disse-lhe que gostaria muito de contar com sua ajuda quando fosse ao Quênia. Dois dias mais tarde, ele respondeu:

Caro Mark: Desculpe-me, mas, no início desta semana, não me sentia capaz de falar sobre esse assunto. Havia enterrado as cinzas de Joan na terça pela manhã, e plantei uma figueira no local (ela ficará para sempre cercada por “roots”, raízes). Também passei muito tempo com a polícia, o que me deixou bastante abalado.

Bom você ter entrado em contato com Adrian [Luckhurst, o administrador comercial de Joan], que me transmitiu sua mensagem. Por favor, não interprete meu silêncio como falta de interesse. Quero que você escreva essa história e farei o que puder para ajudar. Se não atrapalhar, acharia maravilhoso que você viesse para a cerimônia em homenagem a Joan que vamos realizar em Naivasha, em 4 de março. Você será muito bem-vindo e estou certo de que conseguirá muito material com toda a comunidade queniana presente ...

Atenciosamente,
Alan

Em alguns dias, eu estava num voo para Nairóbi. Nunca estivera na cidade, nem no país, e não fazia a menor ideia de que começava uma viagem que me manteria no Quênia, intermitentemente, por mais de três anos.

Depois de desembarcar, segui de automóvel por mais de 80km para oeste, até a casa de Joan Root, para assistir à celebração em sua memória. Centenas dos mais importantes naturalistas do mundo, especialistas na vida selvagem e cineastas acomodaram-se no magnífico gramado para homenagear aquela mulher extraordinária.

A cerimônia foi realizada na propriedade de Joan junto ao lago Naivasha, um verdadeiro país das maravilhas da vida selvagem que parecia saído de um filme de Walt Disney. Um dos amigos de Joan comentou que era “como *Doutor Doolittle*, só que mil vezes mais”. Ali, 1.200 hipopótamos nadam durante o dia e à noite pastam na relva, em meio à melodia das 350 espécies de pássaros da região. Durante toda a celebração, extremamente emocionante, todos os seus amigos e colegas perguntavam-se em voz alta o porquê daquela morte sem sentido. Quem assassinaria

aquela suave e delicada mulher, cuja voz raramente era mais alta do que um sussurro, e que passara décadas ajudando apaixonadamente os desesperados e necessitados do Quênia? Algumas pessoas, a polícia entre elas, estavam convencidas de que fora simplesmente uma tentativa de assalto. Então por que nada fora roubado da casa?, argumentavam outras. E por que a profusão de tiros, quando uma simples ameaça seria suficiente para persuadir qualquer um naquela região assolada pelo crime – a vizinha Nairóbi era conhecida como “Nairobi robbery”, ou “Nairoubo” – a entregar dinheiro e bens?

A explicação mais provável, segundo muitos amigos, era a de que Joan fora alvo de um assassinato encomendado – o que se consegue facilmente no Quênia a 100 dólares por cabeça – devido à sua atuação preservacionista no lago. A delicada protetora de animais tornara-se um dos raros dissidentes numa situação tão peculiar que só poderia mesmo acontecer na África, e que transformara seu amado Naivasha em campo de batalha para um irônico conflito a respeito de... rosas! Nas duas décadas precedentes, o pacífico e bucólico lago fora invadido por batalhões de plantadores de flores que ali estabeleceram algumas das maiores floriculturas do mundo, cobrindo as margens com imensas estufas de plástico, inibindo a migração natural da vida selvagem e atraindo uma horda de centenas de milhares de desesperados trabalhadores indigentes, o que resultou em favelas, miséria, crime e – insistiam alguns – um apocalipse ecológico. O roubo tornou-se rotineiro na região, os assassinatos, contumazes; a pesca e a caça ilegais viraram uma verdadeira epidemia. O lago, cujas águas regavam as rosas e recebiam despejos de pesticidas, ficou tão contaminado que sua extinção foi prevista no prazo de cinco anos, caso não se tomassem imediatamente medidas de prevenção.

Enquanto muitos se limitavam a comentar a situação, Joan transformou as palavras em ação, de forma destemida e, segundo alguns, extremamente perigosa. A enérgica campanha para preservar sua propriedade e o lago acabou despertando a hostilidade das autoridades que ela confrontava e mesmo dos desesperados trabalhadores africanos, cuja subsistência tentava salvar. Tudo isso podia tê-la marcado para morrer. Embora

quatro suspeitos tivessem sido presos, eles acabaram sendo libertados. Era uma história estranha e brutal, encerrada com mais perguntas do que respostas.

“TODOS AQUI SABEM O QUE QUERO DIZER quando afirmo que a morte de Joan é apenas uma parte do mar de lama que lentamente engolfa este país”, declarou um amigo de Joan, Ian Parker, em seu discurso. “O fracasso na aplicação da lei é o aspecto mais tenebroso da corrupção e da falta de princípios políticos. Quando quem aplica a lei não pode proteger os cidadãos e levar os criminosos à justiça, e quando se negam aos indivíduos os meios para se defenderem – a maior parte dos quenianos não tem permissão para portar armas –, a lei acaba sendo feita com as próprias mãos. Não se trata de uma ameaça de um velho *mzungu* maluco”, prosseguiu ele, empregando o termo suaíli para designar homens brancos. “É uma lição que a história vem nos ensinando, repetidamente. Quando perseguem e matam uma benfeitora indefesa, como Joan, é a história falando novamente. Prestem atenção! Esta sociedade está numa situação muito perigosa. A morte de Joan exige que seja este o momento de falar, protestar e agir.” Ele observou que três amigos seus haviam sido assassinados no ano anterior, 2005 – “uma melhora de 50% em relação a 2004”, quando cinco amigos foram assassinados e “dois outros gravemente feridos em atentados”.

Os louvores foram apaixonados e ardentes. Observando Parker sobre a plataforma, vi aquele homem de idade tornar-se jovem de novo ao brandir os punhos em direção ao céu, agitado pela raiva diante da brutalidade que abatera sua amiga de tanto tempo. Parker, um consumado aventureiro, ambientalista, piloto e fotógrafo da natureza, era então um homem de 70 anos, estrutura frágil e cabelos brancos. Parecia-se com o ator Frank Morgan no papel do mágico calvo, tagarela e persuasivo do clássico *O mágico de Oz*.

Parker e eu nos encontramos sob a tenda armada para a cerimônia. Ele me contou, saudoso, como conhecera Joan numa festa, quando eram

adolescentes. Aos 19 anos, a beleza dela era lendária em Nairóbi. Quando cinco soldados do Regimento do Quênia decidiram convidar para sair cinco das mais belas moças de Nairóbi, conhecidas suas ou não, Ian Parker escolheu Joan. Audacioso, foi sem se anunciar até a fazenda de café do pai da moça. Tocou a campainha, informou Joan por que viera e pediu-lhe que aceitasse o convite. “Ora, fico muito agradecida”, ela respondeu, educada, “mas não, obrigada.” E desapareceu sem mais palavra.

Ian Parker tentara, mas seria Alan Root o único a roubar o coração de Joan – embora, como admitisse, tivesse falhado com ela no final. No dia seguinte à cerimônia, Alan quis falar-me sobre a vida da ex-mulher, e combinamos uma entrevista. Ele ainda sabia como impressionar alguém. Orientara-me a esperá-lo no pátio dos fundos do escritório de seu administrador, no subúrbio de Karen, em Nairóbi. Enquanto eu esperava que ele entrasse pela porta de trás, a tranquilidade foi subitamente quebrada por um helicóptero se aproximando, vindo do Parque Nacional de Nairóbi. Quando o aparelho começou a aterrissar, agitando a vegetação e a poeira do jardim, pude vê-lo através da cabine de vidro, no comando, exatamente como o arrojado aventureiro de seus filmes, a não ser por seus 68 anos. De óculos grossos e barba grisalha, ainda era uma figura imponente. Vestia jeans e camisa esporte.

“Já tive dois acidentes com estes”, comentou, depois que me acomodei a seu lado. Decolamos e ele inclinou o helicóptero em direção às azuladas montanhas Ngong, ao longe, voando em alta velocidade sobre as planícies apinhadas de animais selvagens. Eu observava as zebras, búfalos africanos e gazelas no Parque Nacional, abaixo, enquanto Alan acelerava e disparávamos como uma bala pelos céus claros da África. Pude perceber nitidamente a extraordinária força vital que o movia e o tornava tão carismático, tanto na vida quanto em seus filmes.

Alan Root vivera perigosa, temerária e intensamente: tinha sido mordido por feras, sofrera acidentes de avião e batidas de carro, mergulhara em rios caudalosos, embriagara-se em grandes farras, enredara-se em casos amorosos... Entretanto, de todas as mulheres que conheceu, foi Joan, a tranquila e linda Joan, quem teve sobre ele o maior impacto, principal-

mente na juventude, e ele queria me ajudar a contar sua vida. Naquele dia, o helicóptero me levou para outro mundo, onde se revelaria a melhor história que já encontrei como jornalista. Até ali, eu havia sido acima de tudo um coletor de fatos frios e impiedosos. Então Alan Root levantou voo comigo pela África e teve início a viagem de minha vida.

O artigo que escrevi, publicado na *Vanity Fair* em agosto de 2006, foi apenas mais um relato sobre o mistério cada vez mais insondável de uma mulher fascinante. Entretanto, assim como o frio parágrafo que me instigara a princípio, ele pareceu estabelecer com os leitores um vínculo visceral. As pessoas me paravam na rua para discutir sobre a indomável Joan. Cineastas queriam os direitos para filmar a história. Vários editores insistiram para que eu a transformasse em livro.

A tendência de quase todas as matérias de revistas é o desaparecimento; essa, entretanto, não morreu nem depois que o número seguinte chegou às bancas. Parecia ter vida própria. A Working Title Films adquiriu os direitos de filmagem para uma produção com a companhia Red Om, de Julia Roberts, que faria o papel de Joan Root – o que foi anunciado no Festival de Cannes de 2007, rendendo manchetes internacionais. Mesmo assim, eu achava que aquela reportagem havia terminado, pelo menos para mim. Joan Root estava morta e, já que raramente expressava – e menos ainda verbalizava – seus sentimentos, mesmo para os amigos mais próximos, a maior parte de sua história pessoal fora presumivelmente enterrada com ela.

Foi então que algo incrível aconteceu. Joan Root começou a falar.

“VOCÊ DEVE ESTAR PENSANDO QUE ELA NÃO FALAVA MUITO.” O inesperado e-mail de Alan Root prosseguia, explicando: “E está certo quanto a falar, mas tenho milhões de palavras que ela escreveu para a mãe, diários etc.” Fiquei imediatamente empolgado com a possibilidade de saber mais sobre aquela mulher extraordinária.

Outro golpe de sorte aconteceu quando consegui localizar Anthony Smith, o autor de best-sellers londrino, explorador, apresentador da BBC,

aventureiro e melhor amigo de Alan e Joan Root. Por duas vezes ele atravessara a África de motocicleta e foi o primeiro britânico a obter licença para viajar de balão depois da Segunda Guerra Mundial, quando atravessou os Alpes. Já com 80 anos, Anthony morava num pequeno e entulhado apartamento em Londres, e convidou-me para um de seus “famosos espaguetes”. Levei uma garrafa de chardonnay californiano. “Brilhante ideia trazer vinho”, ele exclamou ao receber-me. Era altíssimo, engraçado, irrequieto, com um incisivo sotaque britânico, repleto de interjeições pontuando intermináveis histórias de seu convívio com Alan e Joan, tanto antes quanto depois do divórcio.

Gostei dele imediatamente. Anthony não tinha papas na língua. Contou-me tudo sobre os Root, honesta e completamente, e ainda deu-me uma pasta grossa com toda a correspondência trocada com Alan e Joan. “Você tem sorte”, disse. Acabara de encontrar aquelas cartas, exatamente na véspera de minha visita, enquanto se mudava de casa, em meio a um divórcio. “Se você tivesse chegado uma semana mais tarde, eu já as teria jogado fora.”

O que outras pessoas falavam sobre Joan era instigante, porém mais impressionantes foram suas próprias revelações, nos milhares de páginas de cartas para a mãe, o marido, os amigos, como também nas décadas do meticuloso diário, cuja última página escrevera pouco antes de morrer. Lendo esse precioso material, percebi que a história daquela encantadora mulher precisava ser contada integralmente e que ela mesma proporcionaria às futuras gerações boa parte do relato.

Em cada linha escrita por Joan, desde sua juventude aventureira até os perigosos dias que antecederam sua morte, era visível a paixão pela África e por sua natureza, bem como pelo único homem que amou na vida, Alan – tão selvagem e livre quanto todas as suas outras paixões.